



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

MOACIR CORRÊA

2015

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpando Memórias

Número da entrevista: E-585

Entrevistada: Moacir Corrêa

Nascimento: 27/12/1961

Local da entrevista: Porto Alegre, RS

Entrevistadoras: Patrícia Fernandes

Data da entrevista: 30/04/2015

Transcrição: Patrícia Fernandes

Copidesque: Christiane Garcia Macedo

Pesquisa: Patrícia Fernandes

Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner

Total de gravação: 58 minutos e 58 segundos

Páginas Digitadas: 16 páginas

Observações:

Entrevista realizada para a produção Monografia do Curso de Especialização Método Pilates de Patrícia Fernandes intitulada *Cecy Franck: Dialogando com Pilates* realizada na Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

Trajetória artística; Formação; Bailarino e tecnólogo em Dança; Relação com Cecy Franck; Escola Nacional de Dança Moderna de Cuba; Fundação do Centro Integrado de Artes Cênicas, de Bento Gonçalves; Grupo Vanguarda; Espetáculo Perdão Senhor; Centro Integrado de Artes Cênicas, fechado; Experiências em Teatro; Trajetória na Dança; A influência de Cecy Franck; Relações entre Pilates e Graham. A difusão do Método Pilates em Bento Gonçalves.

Porto Alegre, 30 de abril de 2015. Entrevista com Moacir Corrêa a cargo da pesquisadora Patrícia Fernandes, para o projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

P.F. – Moacir Corrêa, boa noite. Muito obrigada por participar da nossa pesquisa, a qual faz parte do trabalho de conclusão do curso de Especialização em Método Pilates. Então, podemos iniciar essa entrevista perguntando teu nome completo, sua data e cidade de nascimento.

M.C. – Meu nome é Moacir Corrêa, nasci em 27 de dezembro de 1961, em Bento Gonçalves na serra gaúcha. Sou tecnólogo em dança e também trabalho com teatro aqui na região. Conheci a nossa mestra¹ no Festival Bento em Dança, aqui da cidade que ocorre anualmente e estamos na vigésima terceira edição. E a Cecy vinha para cá desde a primeira edição.

P.F. – Como tu começaste a trabalhar com a dança e como iniciou a tua trajetória como artista. E em que momento especificamente tu conhecestes a Cecy?

M.C. – Eu iniciei no teatro aos doze anos de idade. Venho de uma família muito pobre. E a primeira vez que vi o teatro foi quando eu tinha nove anos de idade, quando assisti a uma peça da Maria Clara Machado, “O rapto das cebolinhas”, e me apaixonei por teatro. Mas, jamais falei com meu pai, porque ele era contra isso. Então, fui morar com a minha irmã e aos doze anos entrei para o teatro, que desde então me acompanha. No início da década de 1980, participei de um espetáculo onde eu precisava dançar um Exu, que é uma entidade africana. E procurei uma escola de dança aqui em Bento Gonçalves chamada Escola Renascença de Dança. Fiz um curso de uma semana e a professora gostou do meu desempenho. Então, ela me convidou para participar do espetáculo chamado Missa dos Quilombos, da escola dela. Fiquei um pouco ressabiado porque eu era do teatro, recém estava entrando na dança. Dançava nas danceterias, de maneira informal, nada acadêmico. Ela me ofereceu uma bolsa de estudos para que eu iniciasse na dança e aceitei. A partir daí, comecei a dançar. E sempre ela comentava sobre a Cecy Franck, que vinha para Porto

¹ Se referindo a Cecy Franck.

Alegre fazer cursos com ela. E eu ficava muito curioso, para saber quem era essa mulher que todo mundo comentava sobre ela na época aqui na cidade. E no final da década de 1980 começaram os festivais Bento em Dança, aqui em Bento. E Cecy foi convidada para dar uma oficina de dança moderna, da técnica de Graham² e me inscrevi. Mas, eu era do jazz, dançava dança afro e na oficina, ela mandava a gente sentar, respirar e entender o corpo. No começo, achava aquilo muito chato e pensei: “Puxa, acho que não gosto muito de dança moderna, ano que vem não farei esse curso”. Porém no ano seguinte estava novamente inscrito no curso, porque alguma coisa me cativou e me chamava atenção nesta técnica. Então, em 1994 encontrei a Cecy na rodoviária de Bento Gonçalves e ela me falou que estava vindo morar na cidade, no sítio do irmão dela. Que iria abrir uma sala e me falou: “Tu gostaria de ir dançar lá? Tu tens um corpo bom, uma boa desenvoltura para a técnica.” Me convidou para ir fazer aula com ela. E eu pensei: “E por que não?!”. Ela me pediu para convidar outros professores de dança, porque ela não tinha mais paciência para trabalhar com iniciantes. Convidei algumas pessoas e nós iniciamos um grupo de dança na casa dela. Só que as pessoas não tinham muita paciência, porque ela era muito exigente. Queria resultados, e era muito perfeccionista. Isso me chamou muita atenção, isso eu queria num professor. Então, as pessoas foram saindo e eu fiquei sozinho fazendo aula. Éramos oito ou dez pessoas inicialmente e eu fiquei sozinho com Cecy.

P.F. – Deixa eu te interromper um pouco. Quanto tempo levou para as pessoas desistirem?

M.C. – Olha, acho que não levaram nem um ano. Seis meses e as pessoas já tinham meio debandado. Porque as pessoas não tinham paciência. Graham é uma dança muito visceral, primeiro tu tens que entender o corpo. E as pessoas aqui são muito imediatistas, querem entrar na coreografia, subir no palco e acho que o processo é um pouco mais longo, é aos poucos que se aprende Graham, não é fácil assim. Então continuei fazendo aula com ela. Neste período ficamos fazendo aula particular. No começo eu ia a casa dela de manhã e ficava das oito horas até às doze horas, uma vez por semana. Eu achava pouco tempo e aumentamos para duas vezes por semana e depois para três vezes. Então, um dia na semana nós estudávamos outras técnicas, como Robert Cohen e outros mestres da dança, além da técnica de Graham que ela era mestra. E foi nestas idas a casa dela aos fins de

² Martha Graham.

semana, às vezes no sábado, ela me ligava: “Moacir, vem aqui, eu assisti um espetáculo na televisão e quero conversar a respeito, analisar...” E a gente fazia um debate sobre o assunto, assistíamos juntos. E foi muito bacana porque neste período foi muito importante porque eu revi meus conceitos sobre dança. Nesta época que comecei a dançar juntos eu recebi um convite para ir para Cuba estudar. Em 1997 fui selecionado para estudar na Escola Nacional de Dança Moderna de Cuba³. Poderia ficar de um mês a um ano lá, fazendo especialização em dança. Mas, eu tinha pouco dinheiro, não poderia ficar um ano lá. Mas, resolvi pedir emprestado um dinheiro, aqui e ali e pude fazer um curso de adestramento de um mês na Escola Nacional. A Cecy foi uma das pessoas que me incentivou a ir. Até porque a dança moderna deles também tem inspiração em Graham. E eu voltei de lá deslumbrado com o processo educativo da Escola porque no país a arte, educação e saúde estão em primeiro lugar. E a Escola Nacional é um dos pilares do país. E eu disse: “Pôxa Cecy, estou tão feliz, porque lá as coisas funcionam. Tem uma escola que gradua!” E ela disse: “Quando eu fui para Nova York, também me senti assim. Quando voltei para o Brasil, tive o mesmo *insite* que tu. Porque não fazer uma escola preparatória de bailarinos aqui?”. Até então não tinha aqui, universidade era só na Bahia⁴, que foi inaugurada na década de 1950. Agora nós temos outras faculdades, mas naquele momento não tinha. E aí, começamos a conversar e tivemos a ideia de montar uma escola de dança, um centro de preparação de bailarinos. O projeto que nós fizemos ficou muito grande, porque além das salas de dança, salas de audiovisual e um espaço de apresentação, um auditório. E eu disse: “Cecy, vamos ter que diminuir um pouco nosso projeto”. Então reduzimos o projeto e saiu dali, o Centro Integrado de Artes Cênicas. Visando ter um grupo de Dança, um de Teatro e uma Orquestra ou um coral. E a Dança seria o carro chefe da escola. Apresentamos para o Prefeito, eu fiz a frente, pois a Cecy já não saía muito de casa. Então conversei com o Prefeito e o Secretário de Turismo, que na época respondia pela cultura. E o Prefeito falou que podíamos achar um espaço adequado para realizar o projeto. Foi então que surgiu o Centro Integrado de Artes Cênicas. Que eu tive o privilégio de compactuar com Cecy e montarmos juntos.

P.F. – O centro foi construído quanto tempo depois que tu iniciaste o trabalho com ela?
Que ano foi?

³ Escuela Nacional de Dança Moderna y Folclórica de Havana.

⁴ Escola de Dança da Universidade Federal da Bahia.

M.C. – O Centro Integrado de Artes Cênicas foi inaugurado em 2000. Em 1999 eu já tinha um grupo de dança, o Vanguarda⁵. E a Cecy, disse: “Moacir, vamos tentar viabilizar um espaço para esse grupo se projetar mais”. Então, em 2000 montamos o projeto e em 2000 a gente inaugurou. Só que em 29 de agosto a Cecy ficou doente e veio a falecer dia 4 de setembro. Na semana que ela iria assumir a supervisão do Centro, ela veio a falecer. E claro, que eu continuei, o Centro de Artes permaneceu durante dez anos. Nós tínhamos como projeto trabalhar com crianças carentes da comunidade. Crianças que não tinham condições de pagar para fazer aulas de clássico, de dança, faziam uma triagem, uma seleção conosco. Então, tinha grupos de alunos que faziam aulas de canto, de balé, dança africana, dança moderna e teatro. A semana inteira eles faziam aula conosco. E no final do ano finalizávamos com um espetáculo com essas crianças.

P.F. – E esse período de funcionamento do Centro Integrado, tu é que fizeste a coordenação, após o falecimento da Cecy?

M.C. – Sim. Eu era diretor do Centro e também ministrava aulas de dança moderna. Porque com a Cecy eu consegui me aprofundar mais na técnica de Graham. Então, eu passava a técnica para os alunos. Após o falecimento de Cecy, o irmão dela, o Senhor Jacy Franck decidiu que eu ficaria com biblioteca e todo o acervo que pertencia a ela. Dentro de casa ela tinha livros que ela trouxe de Nova York e de outros lugares do mundo. Então o acervo está comigo. Até 2009 esse material estava exposto na biblioteca do Centro de Artes Cênicas e quando ele fechou as portas, o material foi transferido para a minha casa.

P.F. – Podes falar um pouco sobre o grupo Vanguarda? Era somente tu que trabalhavas com eles, ou a Cecy trabalhava também?

M.C. – Na verdade foi assim: o grupo Vanguarda começou comigo. Eu trabalhava com esse grupo e logo em seguida que iniciei o trabalho com a Cecy. E isso me fez nortear mais o meu trabalho para a dança moderna de Graham. Ela me falou: “Moacir, tu tens que começar a trabalhar com a técnica de Graham”. E eu comecei a convidar alunos de outras

⁵ Vanguarda Grupo de Dança.

categorias de dança. Convidei meu sobrinho que era professor de dança urbana, duas meninas do balé clássico e outras pessoas. Eles aceitaram meu convite e o Vanguarda fechou com dez pessoas contando comigo. Eram profissionais já que tinham seus grupos e vivências em outras técnicas de dança.

P.F. – E a Cecy não se envolvia com esse grupo?

M.C. – Assim, eu dava aula para o grupo e montávamos as coreografias. A primeira coreografia com eles foi “Mama África”, que foi uma fusão de dança moderna com a dança africana. Uma linguagem que eu criei, porque como sou descendente de negros, sempre pesquisei a cultura africana. Como a técnica de Graham estava ao meu alcance, juntei as duas linguagens. E é claro que a Cecy me auxiliou neste trabalho. Eventualmente eu a convidava para assistir as aulas com o grupo. Ela me orientava, no sentido de corrigir erros, como uma supervisão das aulas. Mas, era eu quem dava aulas de Graham para o grupo.

P.F. – E tu continuaste fazendo o trabalho prático com ela como bailarino neste período também?

M.C. – Enquanto a Cecy viveu, eu era bailarino dela. Então, dançava para ela nos festivais, fui para a Bahia, ganhei prêmios. Festivais de Santa Maria, Festival Bento em Dança. Então, eu dançava as coreografias que ela montava. No final a gente coreografava junto ela sempre abria espaço para um diálogo sobre as músicas e movimentos. Era uma parceira fantástica.

P.F. – E qual dos espetáculos que vocês fizeram que te marcou mais?

M.C. – Acho que me ficou marcado foi “Perdão Senhor”. Que foi a segunda coreografia que ela fez para mim. A primeira foi um *pas de deux* com a Geórgia Ross e depois “Perdão Senhor”, que fiz um solo. Era um pouco aquela coisa de sofrimento, questões da alma, de se entregar para a dança, de ver a dança como um sacerdócio. É o que mais me marcou e me remete à Cecy Franck. Lembro dos momentos onde ela me exigia, porque ela me exigia muito! Ela era muito rígida comigo. Isso é que me fez dar um pulo e rever a minha visão

ante a dança. Porque eu já vinha de uma escola de dança, já havia dançado em outros grupos. Aqui em Bento Gonçalves participei de danças italianas. E quando encontrei a Cecy, ela me fez rever o que eu estava fazendo. Eu sempre coloco para todo mundo, quando dou entrevistas sobre a Cecy, que a minha vida artística se divide em dois momentos: antes e depois de Cecy Franck. Porque antes era aquele deslumbre: “Olha só o que eu sei fazer, vou para o palco!” Cecy, ela te mandava parar e entender o que tu estavas fazendo: “O que tu estás fazendo? O que tu queres com isso?” Aí, tu começa a ter outra perspectiva da dança. A herança de Cecy foi essa, a exigência comigo. Ainda hoje eu dou aula de Graham para um grupo de professores e para uma aluna. E esse tipo de exigência eu ainda busco das pessoas. Porque sempre a pessoa tem um pouco mais para te dar. Essa coreografia que ela me deu de presente, “Perdão Senhor” foi que me despertou para a beleza da dança Moderna.

P.F. – Em qual ano foi apresentado “Perdão Senhor”?

M.C. – Foi em 1998, praticamente estreei no Festival Internacional de Dança da Bahia. Depois me apresentei, em Bento, Santa Maria, Caxias do Sul...

P.F. – O que levou o Centro Integrado das Artes a fechar as portas?

M.C. – Na verdade, o Centro Integrado de Artes Cênicas tinha uma parceria e apoio da Fundação Casa das Artes. Então, nós fazíamos os projetos para eles e eles pagavam o aluguel do espaço, que era da própria Casa das Artes. Um local no centro da cidade, bem na frente da Prefeitura. Na realidade, eu gostaria que nosso projeto fosse desenvolvido dentro da Casa das Artes, porque aí teríamos o palco para usar também. E como foi difícil e não foi concluído o palco e o espaço da Casa, nós recebemos esse espaço bem no Centro da cidade. Então quando entrou a gestão do PT⁶ na cidade, em 2008, ficou um ano na administração, o Prefeito não quis mais nos apoiar. E nós não tínhamos como continuar, porque as aulas eram gratuitas para as crianças e nós não recebíamos remuneração.

P.F. – Ah, vocês não recebiam nada?

⁶ Partido dos Trabalhadores.

M.C. – Não, nada da Prefeitura. Recebíamos o aluguel do espaço somente. E sempre colocávamos os créditos da Prefeitura e da Casa das Artes nos projetos. O Prefeito achava que os projetos tinham que se originar do partido e não nos apoiaram mais. E eu falei, “Olha não tem como continuarmos mais.” Porque além do pagamento do aluguel teria que ter secretária, pagamento de luz, água, etc. Então eu disse: “Olha, ou nós reunimos e fazemos outro tipo de projeto, ou fecharemos as portas”. E foi o que aconteceu. Claro que o Centro ainda existe, mas está no papel, não possui espaço físico.

P.F. – Ele acontece num momento num lugar e em outro momento em outro lugar, é isso?

M.C. – Mais ou menos isso. Hoje em dia, claro, a gente se reúne na minha casa para fazer reuniões. O grupo Vanguarda retornou há dois anos, para montar um espetáculo. E como nós não temos espaço físico, uma das academias onde dou aulas de dança contemporânea aqui em Bento, abriu espaço para ensaiarmos. Só que é um estabelecimento que visa lucro, então é preciso ter espaço para atividades rentáveis. Então, uma menina engravidou, não pode mais dançar, outro rapaz separou e foi morar em outra cidade e nós tivemos que abortar o espetáculo, por questões que atrapalharam o andamento.

P.F. – Suspenderam o espetáculo, mas o grupo continua trabalhando?

M.C. – Não, a gente não está mais se reunindo e eu não estou mais dando aulas. Porque as pessoas não têm mais tempo para isso. E quando recebo convite para realizar um trabalho de grande porte, com repercussão nacional como a Fenavinho⁷, por exemplo, eu convido esses alunos para trabalhar, porque já eles conhecem a linguagem e o meu trabalho. E aí nesses casos nós retomamos os trabalhos, porque fora isso é complicado por aqui.

P.F. – Quem eram os integrantes do grupo Vanguarda? Quem fazia parte no começo e quem faz parte agora?

M.C. – Os nomes?

⁷ Festa Nacional do Vinho, realizada na cidade de Bento Gonçalves.

P.F. – Sim, por favor.

M.C. – Temos o Daniel Corrêa, meu sobrinho que foi meu primeiro bailarino, quando tinha dezesseis anos. Ele começou a dançar comigo em outro grupo, o Grupo Nação⁸, lá no final da década de 1980. A Patrícia Larentis, que é professora de balé clássico e também é radialista aqui em Bento e que teve o bebê. A Deise Ceccagno que também é professora de balé clássico e tem uma escola de balé aqui em Bento. Ederson Rodrigues da Silva⁹, Rosane Marchetto¹⁰ que é professora de balé clássico. Ana Célia Gallina¹¹, Samuel Zonatto¹², Cristian Bernich¹³, Janaina Buffon¹⁴ e Margarete Capra¹⁵.

P.F. – Esse pessoal estava no grupo desde o começo?

M.C. – Sim, o pessoal que dançava comigo desde o começo.

P.F. – Quantos eram ao todo?

M.C. – Eram dez, chegamos a dez pessoas. A gente dançou em Porto Alegre também, quando teve a inauguração da sala Cecy Franck na Casa de Cultura Mário Quintana. Levamos o espetáculo de inauguração, o meu primeiro, “Mama África”. E aqui em Bento fizemos umas homenagens para a Cecy com outras coreografias que já havíamos montado com o grupo. E hoje estou trabalhando com uma menina que está com dezoito anos e iniciou comigo aos dezesseis anos. Ela quer seguir o trabalho de Graham e casualmente hoje à tarde eu dei aula particular para ela. Então, eu ensino a técnica e coreógrafo. Uma menina que tem futuro. E o outro grupo que eu trabalho com Graham, é de professores de dança de salão, que querem se aperfeiçoar um pouco dentro de uma técnica mais

⁸ Nome sujeito a confirmação.

⁹ Nome sujeito a confirmação.

¹⁰ Nome sujeito a confirmação.

¹¹ Nome sujeito a confirmação.

¹² Nome sujeito a confirmação.

¹³ Nome sujeito a confirmação.

¹⁴ Nome sujeito a confirmação.

¹⁵ Nome sujeito a confirmação.

acadêmica. Então, aos sábados de manhã vou à escola de dança de salão dar aulas para a proprietária e mais cinco pessoas que participam do grupo.

P.F. – Em quais lugares tu trabalhas, quais locais?

M.C. – Na academia Espaço Via Attiva e Oito Tempos, aqui em Bento. Dou aulas de alongamento e para o grupo do qual falei de técnica de Graham. Na Escola de Dança Angélica & Rodrigo, trabalho aulas de alongamento e dança contemporânea. E trabalho teatro na escola Espaço Biocêntrico Bento Gonçalves. E em Santa Tereza eu trabalho com crianças do Ensino Fundamental. Lá é dança criativa, faz oito anos que eu trabalho com eles, são crianças de seis a catorze anos. E ao final do ano monto espetáculos com eles e é um evento da cidade!

P.F. – Que legal! Moacir, antes tu falaste antes do Grupo Nação, quando tu tiveste esse grupo? Em que período?

M.C. – Foi o primeiro grupo que eu fiz. Logo depois que eu saí da Escola Renascença de Dança, entrei para o grupo folclórico de dança, Balé Folclórico Elos. Trabalhávamos com dança italiana, porque nós estamos numa região italiana. Com eles eu ajudava a coreografar e dançava também. Após três anos o grupo parou por questões de verbas. A professora perguntou se eu gostaria de dar continuidade nas atividades com os meninos e meninas que estão por aqui? E eu resolvi trabalhar um pouco com jazz e outras técnicas. Então, montamos o Grupo Nação. Convidei algumas meninas do grupo Elos, mais meu sobrinho, Daniel que dançava danças urbanas, tinha em torno de dezesseis pessoas no grupo. Foi bacana, a gente fez espetáculos, participou de festivais, ganhamos prêmios. Ficamos uns seis anos com esse grupo e logo em seguida eu parei, porque queria me preparar mais como professor e foi quando a Cecy Franck surgiu. Larguei o grupo de uma maneira meio louca, assim, decidi: “Não vou mais dar aulas. Preciso fazer aulas!” E nesse período sempre fiz teatro paralelamente à dança.

P.F. – Quem te dava aulas de teatro?

M.C. – Teatro eu comecei em 1975, com doze anos. Na década de 1980, eu entrei para um grupo independente Causas & Efeitos com a direção de Cláudio Troian e Kátia Bortolini, um casal que trabalhava com teatro aqui. A Secretaria de Cultura trouxe do Rio de Janeiro o teatrólogo Antonio Carlos Guerber¹⁶ para dar uma oficina de Teatro no Festival de Teatro Amador de Bento Gonçalves e eu fiz o meu primeiro curso de teatro. E todos os anos eu fazia oficinas de teatro, às vezes ia para Caxias do Sul ou Porto Alegre ou onde tivesse algum curso relacionado as artes cênicas, sempre procurava buscar mais informações. O último curso que eu fiz de teatro foi em Paris com a Companhia À Fleur de Pau¹⁷, em 2008, com a Denise Namura. Acho que tu deves conhecer.

P.F. – Sim, já ouvi falar.

M.C. – Então eu fui para lá em 2008 fazer o curso.

P.F. – E tu foste para lá somente para a oficina, ou teve outros motivos?

M.C. – Não, eu fui especialmente para o curso. Depois mais tarde fui lá para passear e conhecer, etc.

P.F. – Que legal!

M.C. – Bom, nestas andanças todas, este ano estou completando quarenta anos de carreira.

P.F. – Nossa!

M.C. – Quarenta anos!

P.F. – É uma história não é?

¹⁶ Nome sujeito a confirmação.

¹⁷ Companhia francesa de Dança e Teatro, situada em Paris, fundada pela brasileira Denise Namura e pelo alemão Michael Bugdahn.

M.C. – É uma história! São muitos percalços, porque tu vês assim, eu venho de uma família muito pobre. E na época que eu comecei a fazer aulas em Bento Gonçalves eu era o único menino fazendo dança acadêmica como balé e contemporânea. Então quando o grupo se apresentava na rua, era um monte de meninas e um negrinho no meio [risos]. Então eu fui talvez o pioneiro, menino bailarino acadêmico. Porque naquela época tinha meninos dançando, mas era na dança de CTGs¹⁸, que é diferente.

P.F. – É, outro tipo de dança.

M.C. – É, outro tipo de dança.

P.F. – Que legal! Moacir, além da Cecy, quais foram as outras influências que tu consideras importante em tua formação?

M.C. – Bom, a Rosane Vargas foi a minha primeira influência. No teatro teve o Cláudio Troiane outras pessoas. A Rosane Vargas foi a primeira pessoa que me abriu as portas para iniciar a dança. Porque eu dançava em danceteria, sempre estava nos bailinhos. Tinha competição, eu tirava sempre primeiro lugar. Era uma dança mais intuitiva. E a Rosane foi uma pessoa que me abriu as portas para estudar a dança acadêmica e a Cecy Franck foi quem norteou a minha carreira dentro da dança. Então acho que são duas pessoas importantes. Outra pessoa importante foi a Ivonete Tesser, que me levou para o folclore e me ensinou muito sobre o folclore italiano. Na ULBRA¹⁹, tive um professor Robert Levonian, que dava aula de história da dança. Ele me incentivou muito, até porque ele era muito fã da Cecy Franck, era apaixonado por Graham. Ele veio aqui em Bento para fazer umas entrevistas com Cecy. A gente se conheceu na universidade quando estava fazendo graduação, foi uma pessoa que me inspirou muito dentro da história da dança, hoje sou fã de história da dança. Então são essas pessoas que me encontrei com elas também. E em Cuba, a diretora da Escola Nacional de Dança, Luisa Maria Olivares Navarro. Quando cheguei a Cuba, eu não sabia falar espanhol. Ela me recebeu na casa dela como um membro da família. Depois, quando o Centro de Artes Cênicas fez um ano em 2001, ela veio ao Brasil, ficou em minha casa durante quinze dias. Até hoje a gente mantém

¹⁸Centros de Tradições Gaúchas.

¹⁹ Universidade Luterana do Brasil.

comunicação, volta e meia a gente se telefona. Agora ela está me convidando para dar um curso em Cuba. Então são essas pessoas que marcaram a minha trajetória nestes quarenta anos de trabalho.

P.F. – Certo. Quando tu falaste que trabalhavas com a Cecy, vocês trabalhavam com outras técnicas além de Graham. Entre as técnicas que vocês trabalharam, incluía-se o Pilates também, ou não?

M.C. – O Pilates eu conheci com a Cecy Franck. Porque ele está inserido na técnica de Marta Graham, se tu fores perceber. Agora que tu falaste, lembrei que estou dando aulas de dança moderna para uma professora de Pilates, dentro do estúdio dela. E agora com esse estudo a gente percebe que há muito de Pilates na técnica de Graham. Porque a própria Marta Graham viveu na mesma época que o Pilates, ela bebeu na fonte. Eu vejo ela, como uma grande bruxa, no bom sentido, que buscou as melhores maneiras de ensinar a dança. Então, ela foi buscar na yoga, no balé clássico, no Pilates tudo o que podia dar sustentáculo para o trabalho do bailarino, ela colocou na técnica dela. Voltando ao trabalho da Cecy, ela me dava uma preparação de Pilates antes de fazer aula. Para ter um melhor preparo físico, porque a técnica de Graham exige um preparo físico muito intenso. Então, a Cecy ela teve esse contato, acredito que nestas andanças, idas e vindas para Nova York, deve ter tido aulas com alunos de Pilates. Porque ela também sabia o que estava fazendo quando trabalhava o Pilates comigo.

P.F. – Ela não chegou a comentar contigo sobre como ela entrou em contato com o Pilates?

M.C. – Naquele período em que fazíamos aulas, o Pilates era um condicionamento físico, um preparo que ela me dava. Então eu estava muito focado na técnica de Graham. Nós não falávamos do Pilates. Em alguns momentos de exercícios de Graham ela comentava sobre a semelhança com alguns exercícios de Pilates. Como por exemplo, o *Pietà*²⁰ que tem haver com o Rolinho²¹ de Pilates. O que os exercícios tinham haver com o que o Pilates pregava em sua técnica. E o que ela comentava muito era a vivência que teve na escola de Marta Graham. Hoje tendo um contato mais próximo com a técnica do Pilates, junto com

²⁰Movimento corporal executado na técnica de Martha Graham.

²¹Rolling like a Ball, exercício físico realizado no Método de Joseph Pilates.

essa professora, a Franciane²². A gente está percebendo esse paralelo, essa relação que existe entre as duas técnicas. Como ela diz, é muito visceral, intensificar a respiração, trabalhar o sentido do eixo, do centro. E Marta Graham também tem muito isso na técnica dela. Eu vejo muito o Pilates dançado em Graham, é o que vejo.

P.F. – Uma pergunta sobre a tua formação. Tu falaste que estudou na ULBRA? Qual a formação que tu fizeste lá?

M.C. – Eu fiz Tecnólogo em Dança, na ULBRA e depois fiz uma pós-graduação, Pedagogias do Corpo e da Saúde na ESEF–UFRGS²³.

P.F. – Certo. Tu achas que consegue resumir em poucas palavras, porque tu já falaste bastante e eu poderia deduzir. Mas assim, especificamente qual o legado de Cecy para ti, na tua vida profissional.

M.C. – Olha, posso dizer que Cecy foi uma benção. Uma pessoa que chegou no momento certo na minha carreira, eu acredito. Mesmo que eu não tenha uma religião específica, sou uma pessoa espiritualizada e Cecy também era muito assim. Então acho que ela chegou na hora certa, quando eu estava precisando de alguém para nortear a minha vida. Me sinto muito privilegiado de ter tido esse momento com Cecy Franck. Uma pessoa que sempre tive curiosidade de conhecê-la. De estar perto dela e daqui a pouco a gente se encontrou num festival. E nunca imaginei que um dia eu estaria trabalhando com ela e nós dois estaríamos trocando experiências. Porque ela deixou de ser minha mestra, minha professora, para ser minha cúmplice, minha companheira. Nós sentávamos e assistíamos aos vídeos juntos, analisava os trabalhos e espetáculos juntos. Eu com minha pouca experiência e ela com sua vasta vivência. Porque ela teve contatos com vários profissionais e viu vários espetáculos fora. Como Nina Verchinina e outros grandes nomes da dança. Então ela me passava muito essa experiência dela. O que posso dizer é que o legado de Cecy é exatamente isso, essa minha vivência tudo o que hoje eu sei e tenho como curiosidade, como anseio, como vida, voltado para a dança, para a minha arte, foi lançado por ela. Ela foi esse norte para a minha carreira.

²² Nome sujeito a confirmação.

²³ Escola Superior de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

P.F. – E tu saberias identificar assim, do trabalho prático que tu fazias, das aulas que ela te dava, quais os aspectos mais relevantes?

M.C. – Eu acho assim, a exigência dela. O que mais me pontuou e marcou foi a exigência. Porque eu percebia que ela vivia aquilo e queria que aquilo entrasse na minha carne. Como te falei, ela era muito rígida, mandava repetir várias vezes: “Não é assim, tem que fazer assim!” Era muito detalhista. Então, acho que essas exigências, de ser rígida mesmo estando sozinho com ela. E até lembro agora, o irmão dela me encontrava na rua e me falava: “Pôxa! Eu pensava que a Cecy estava com vinte pessoas na sala e era só tu! Ela ficava berrando!” Mas era o jeito dela. Porque queria que eu entendesse aquilo, que tivesse foco sobre a técnica, sobre que estava fazendo. O grande ponto foi o alto grau de exigência de Cecy Franck. Porque ela vivia o que estava fazendo e queria que eu entrasse naquele universo que ela estava vivenciando. Acho que esse foi o legado dela.

P.F. – Agora falando um pouco sobre a época em que tu começaste a dançar com ela. Tu chegaste a ouvir falar de outra pessoa que trabalhasse com Pilates naquela época?

M.C. – Naquela época, Pilates não era popular por aqui. Começou a ser popular há uns cinco anos atrás. As pessoas começaram a querer fazer, a televisão se falava no assunto. Mas, foi a Cecy quem me apresentou esse trabalho de preparação. Foi ela que me colocou esse trabalho.

P.F. – Bem, tu já falaste vários aspectos do teu trabalho atual na dança. Disseste que estás dando aulas de dança para uma instrutora de Pilates, como tu enxergas isso hoje? Consegues ver alguma relação com aquele momento em que tu trabalhavas Graham e fazia Pilates com Cecy? E agora estás de novo trabalhando Graham e de outra forma também tendo contato com o Pilates?

M.C. – Pois é engraçado isso. Esses dias eu estava pensando isso porque, essa professora de Pilates já me conhecia, mas eu não a conhecia. Quando ela me convidou para dar aulas de Moderna para ela e como eu não estava mais fazendo aula de dança, e eu também preciso de uma preparação física. A gente conversando ela me disse: “Eu sempre quis fazer

aula contigo, e acho que é o momento de trocar figurinhas.” E eu disse: “Com certeza!” Aquilo me remeteu a Cecy. Porque no momento em que fui fazer aula, a primeira aula foi ela quem me deu, de Pilates. Percebi exatamente Cecy colocando os dedos rígidos em meu estômago, para que eu contraísse, respirasse de forma correta. Pensei: “Tô recordando um momento da minha vida agora. Momento em que alguém chegou para me dar um sopro!” Agora estou vivenciando nessas aulas de Pilates, assim como a professora de Pilates, que faz aula de Graham, também está percebendo que Graham a fez perceber outra forma de movimentação. Porque a técnica também possibilitou a ela rever a forma de se portar. Então, nós estamos somando coisas que essas duas personalidades na época deles trabalharam praticamente juntos para formar essas técnicas. Tanto o Pilates, como Graham. Acho que temos o privilégio de sermos pessoas que estudaram essas técnicas e estarmos agora confabulando trocando as experiências dessas duas personalidades que foram Graham e Pilates. Eu hoje me pareço estar revivendo momentos de Graham com o Pilates e a professora de Pilates está revivendo momentos de Pilates através de Graham.

P.F. – Que legal! Muito bom isso.

M.C. – Eu não sei, estou falando muito rápido?

P.F. – Não, não se preocupe. Estas sendo muito claro. Está bem tranquilo. Não se preocupe. Moacir, como que tu vê a influência de Cecy, ou a não influência de Cecy na propagação do método Pilates do Rio Grande do Sul?

M.C. – A minha visão é aqui de Bento Gonçalves, onde moro. Há bastante estúdios de Pilates. Essa divulgação desse trabalho fundamental, aqui em Bento está muito difundido. Nós temos vários espaços que trabalham o Pilates. Acredito que em Porto Alegre também deve ter muito.

P.F. – Sim. Tem.

M.C. – E eu percebo que as pessoas estão procurando muito o método. Porque trabalha muito com o orgânico, com o visceral, não é somente um alongamento, ou uma preparação física por si só. Tem um fundamento muito interno, visceral mesmo. Eu vejo que a maioria

das pessoas está buscando o Método Pilates hoje, por que se sentem muito melhor. Até por questão de melhorar a postura. Graham também me ajudou neste aspecto, me alinhou. Tive outro enfoque em relação ao corpo. O Pilates também tem essa linha de pensamento e trabalho. Aqui em Bento Gonçalves o Método está tendo uma visibilidade muito grande. Graças a Deus, conheci um pouco antes. Acho que partir de 2010 chegou aqui na cidade e acho que o desenvolvimento aqui está muito bom.

P.F. – Gostarias de colocar mais alguma questão sobre tudo isso que a gente falou? Seja sobre Cecy, sobre o teu trabalho?

M.C. – Eu te agradeço, porque no momento em que falo de Cecy, estou mantendo a memória viva dela, porque devo muito à Cecy. E nos espaços em que estou ela continua comigo de uma forma vamos dizer assim, cósmica, espiritual. Então falar dela para mim, é um prazer. Acho que é uma maneira de deixar viva a história dessa mulher que foi fundamental dentro da dança no estado e no Brasil também, porque ela foi pioneira, na dança Moderna. Eu só sinto que hoje muito poucas pessoas trabalham com Graham. Ela teve contato com tantos alunos e hoje, que eu saiba, sou o único por aqui que ainda trabalha. Tinha a Nair Moura²⁴ em Porto Alegre e hoje ela parou, agora trabalha com Quiropraxia. E acho que fora daqui, só no Rio de Janeiro, que eu saiba que tenha profissionais que seguem a linha de Graham. Sinto, por isso, porque é uma dança tão completa. É claro que tem que ter uma paciência, o processo de aprendizado é muito lento. Tem que ter certa paciência para entender essa técnica. Eu vou tentar manter viva essa chama de Graham através de Cecy Franck. Esse legado que ela me deixou, enquanto estiver vivo, vou divulgar a técnica de Marta Graham.

P.F. – Muito obrigada Moacir, pela tua contribuição e participação nesta pesquisa.

[FINAL DA ENTREVISTA]

²⁴ Nome sujeito a confirmação.